

## CHEGADA A KITTUR

*Kittur situa-se na costa sudoeste indiana, entre Goa e Calecute, quase equidistante de ambas. É delimitada pelo Mar Arábico a oeste e pelo Rio Kaliaamma a sul e a leste. O terreno da cidade é acidentado; o solo é negro e ligeiramente ácido. As monções chegam em Junho e assolam a cidade até Setembro. Os três meses seguintes são secos e frescos, e constituem a época ideal para visitar Kittur. Dada a riqueza da cidade em termos de história e de beleza paisagística, bem como a diversidade de religiões, raças e línguas que apresenta, recomenda-se uma estada de pelo menos uma semana.*

## PRIMEIRO DIA:

### A ESTAÇÃO DOS CAMINHOS-DE-FERRO

*A arcada da estação dos caminhos-de-ferro enquadra a primeira imagem que temos de Kittur à nossa chegada no Comboio-Correio de Madrasta (às primeiras horas da manhã) ou no Expresso da Costa Oeste (à tarde). A estação é sombria, imunda e cheia de embalagens dos almoços espalhadas pelo chão, nas quais os cães vadios vão enfiar o focinho; à noite, surgem as ratazanas.*

*As paredes estão cobertas com o retrato dum homem de ar bem-disposto, barrigudo, anafado e nu em pêlo, com os órgãos genitais estrategicamente tapados pelas pernas cruzadas, que paira sobre uma legenda em canará que diz: BASTA UMA PALAVRA DESTE HOMEM PARA MUDAR A SUA VIDA. Trata-se do líder espiritual da seita jainista da região que dirige um hospital e um refeitório gratuitos na cidade.*

*O famoso Templo de Kittamma Devi, uma estrutura moderna construída segundo estilo tâmil, localiza-se no sítio onde se acredita ter existido um antigo santuário dedicado à deusa. Fica a curta distância da estação dos caminhos-de-ferro e é frequentemente o primeiro ponto de paragem dos visitantes que acorrem à cidade.*

Apesar da relutância de todos dos outros comerciantes das imediações da estação dos caminhos-de-ferro em contratar um muçulmano, Ramanna Shetty, proprietário da Casa Ideal, um estabelecimento especializado na venda de chá e chamuças, dissera a Ziauddin que não se importava de que ele lá ficasse.

Desde que lhe promettesse trabalhar arduamente. E abster-se de se meter em qualquer espécie de confusão.

A criatura franzina coberta de poeira largou a trouxa no chão; levou uma mão ao peito.

— Eu sou muçulmano, meu senhor. Nós não nos metemos em confusões.

Ziauddin era baixo e retinto, com gordura de bebê nas faces e um sorriso de duende que deixava à mostra uns dentes brancos e salientes, como os dos coelhos. Preparava chá para os clientes numa enorme chaleira de aço inoxidável corroído, enquanto, com uma concentração arrebatada, observava a água a ferver, a deitar por fora e a crepitar na chama do gás. De quando em vez, enfiava a mão numa das caixas de aço inoxidável amolgadas que se achavam a seu lado, donde retirava chá preto em pó, ou um punhado de açúcar refinado, ou um pedaço de gengibre triturado, e deitava-o na infusão. Sugava os lábios, sustinha a respiração e, com o antebraço esquerdo, inclinava a chaleira para um coador: o chá quente pingava através dos seus orifícios entupidos para dentro de pequenas chávenas afuniladas inseridas nas concavidades duma embalagem de cartão originariamente concebida para conter ovos.

Quando levava as chávenas para as mesas, uma de cada vez, deliciava os indivíduos rudes que frequentavam a casa de chá ao interromper as respectivas conversas com gritos de: «E vai um! E vão dois! E vão três!...», enquanto pousava as chávenas com toda a força diante deles. Mais tarde, os homens iam dar com ele acororado ao lado do estabelecimento, ocupado a lavar a louça num grande alguidar, cheio de água suja e turva; ou então a embrulhar chamuças gordurentas em páginas arrancadas a manuais escolares de trigonometria para serem entregues em casa; ou a retirar os restos de folhas de chá do coador com a ajuda duma colher; ou a apertar um parafuso solto nas costas duma cadeira com uma chave de fendas ferrugenta. Quando se ouvia uma palavra em inglês, a tarefa era de imediato interrompida: Ziauddin virava-se e repetia-a alto e bom som («Domingo, segunda-feira, adeus, *sexy!*») e a casa de chá em peso ficava perdida de riso.

Certo fim de tarde, no preciso momento em que Ramanna Shetty se preparava para encerrar o estabelecimento, Thimma, um bêbado da zona, que todas as noites comprava três cigarros, bradou de satisfação ao ver Ziauddin, com as nádegas e as coxas encostadas a uma geleira descomunal, a empurrá-la para dentro da loja, pouco a pouco.

— Olhem-me só para aquele franganote! — exclamou Thimma, batendo as palmas. — A geleira é maior que ele, mas ele não desiste!

Chamou o franganote para que se aproximasse e enfiou-lhe na mão uma moeda de vinte e cinco paisas. O rapazito olhou para o proprietário da casa de chá a pedir a sua aprovação. Ao ver Ramanna Shetty assentir com a cabeça, fechou o punho e respondeu num inglês esganado:

— *Obrigados, meu senhor!*

Certa noite, com uma mão a pressionar o cocuruto do rapaz, Ramanna Shetty levou-o até junto do bêbado e perguntou-lhe:

— Que idade te parece ter ele? Vê lá se adivinhas.

Thimma ficou a saber que o franganote estava perto de completar os doze anos. Era o sexto de onze filhos duma família de trabalhadores agrícolas que morava no Norte do estado; logo que a estação das chuvas terminara, o pai metera-o numa camioneta, com instruções para descer em Kittur e se pôr a deambular pelo mercado até alguém o contratar.

— Despacharam-no sem uma única paisa no bolso — indignou-se Ramanna. — Este miúdo foi completamente abandonado à sua própria sorte.

Tornou a pousar uma mão na cabeça de Ziauddin.

— Que, posso assegurar-lhe, não é muita, mesmo para um muçulmano!

Ziauddin travara amizade com outros seis rapazes que lavavam a loiça e atendiam a clientela da casa de chá de Ramanna e que dormiam todos juntos numa tenda armada nas traseiras do estabelecimento. Aos domingos, ao meio-dia, Ramanna fechava a loja e, montado na sua lambreta *Bajaj* azul e bege, dirigia-se lentamente ao Templo de Kittamma Devi, permitindo assim que os rapazes o seguissem a pé. Enquanto Ramanna entrava no templo para oferecer um coco à deusa, eles ficavam sentados em volta do assento verde da lambreta, discutindo as palavras escritas em canará, em letras gordas e a vermelho, na cornija do templo:

#### HONRA O TEU VIZINHO, O TEU DEUS.

— Aquilo quer dizer que a pessoa que mora na casa ao lado da nossa é o nosso Deus — teorizou um dos rapazes.

— Não, significa que, se acreditarmos Nele a sério, Deus está junto de nós — ripostou outro.

— Não, quer dizer, quer dizer... — esforçou-se Ziauddin por explicar.

Os outros, porém, não o deixaram terminar:

— Tu nem sequer sabes ler e escrever, seu pacóvio!

Quando Ramanna lhes gritou para que entrassem no templo, Ziauddin lançou-se numa corrida atrás dos companheiros, hesitou e em seguida voltou para junto da lambreta.

— Eu sou *muçulmano*, não posso entrar aí.

Proferiu estas palavras em inglês e com uma solenidade tal que os outros rapazes se quedaram momentaneamente em silêncio, e depois arreganharam os dentes.

Uma semana antes da data prevista para o início da estação das chuvas, o rapaz fez a trouxa e declarou:

— Vou para casa. — Ia cumprir o dever que tinha para com a família, trabalhar ao lado do pai, da mãe e dos irmãos, mondar, semear ou ceifar os campos dalgum ricalhão a troco de meia dúzia de rupias por dia. Ramanna deu-lhe um «extra» de cinco rupias (menos dez paisas por cada uma das duas garrafas de coca-cola *Thums Up* que ele partira), a fim de garantir que ele regressaria da sua aldeia.

Quatro meses decorridos, quando Ziauddin voltou, tinha contraído viti-ligo, e apresentava veios rosados nos lábios e manchas nos dedos e lóbulos das orelhas. A gordura de bebé das suas faces desaparecera durante o Verão; voltou magro e tisonado do sol, com uma centelha de rebeldia nos olhos.

— O que foi que te aconteceu? — perguntou-lhe Ramanna, depois de lhe dar um abraço. — Há mês e meio que devias ter voltado.

— Não aconteceu nada — respondeu o rapaz, esfregando um dedo nos lábios desbotados.

Ramanna mandou de imediato que lhe trouxessem um prato de comida; Ziauddin agarrou nele e atafulhou a boca como se fosse um animal, o que impeliu o comerciante a indagar:

— Lá em tua casa não te davam de comer?

O «franganote» foi exibido por entre a clientela, grande parte da qual andava havia meses a perguntar por ele; alguns dos que tinham debandado para as casas de chá mais modernas e asseadas que estavam a abrir ao redor da estação dos caminhos-de-ferro voltaram ao estabelecimento de Ramanna exclusivamente para o ver. Nessa noite, Thimma encheu-o de abraços e, em seguida, enfiou-lhe na mão duas moedas de vinte e cinco paisas, que Ziauddin aceitou em silêncio, guardando-as no bolso das calças. Ramanna gritou ao bêbado:

— Não lhe dê gorjetas! Está aqui, está feito num ladrão!

O rapaz tinha sido apanhado a surripiar chamuças destinadas a um cliente, justificou-se Ramanna. Thimma perguntou ao comerciante se este estava a brincar.

— Até a mim me custou a acreditar — resmungou Ramanna. — Mas vi-o com os meus próprios olhos. Apanhei-o a tirar uma chamuça da cozinha e... — Deu uma dentada numa chamuça imaginária.

A rilhar os dentes, e com a barriga das pernas pressionada contra a geleira, Ziauddin começara entretanto a empurrar o aparelho para dentro do estabelecimento.

— Mas... ele costumava ser um miúdo honesto — recordou o bêbado.

— Se calhar, sempre nos roubou, só que nós nunca tínhamos dado por isso. Hoje em dia já não se pode confiar em ninguém.

As garrafas tilintaram dentro da geleira. Ziauddin interrompera a sua tarefa.

— Eu sou patane! — Esbofeteou o peito. — Da terra dos patanes, lá no Norte, onde há montanhas cobertas de neve! Não sou hindu! Não me meto em confusões!

Posto isto, encaminhou-se para as traseiras da casa de chá.

— Que diabo foi isto? — perguntou o bêbado.

O proprietário explicou-lhe que Ziauddin passava agora a vida entregue a uma conversa completamente disparatada sobre os patanes; estava convencido de que o rapaz deveria ter apanhado aquela mania com algum mulá no Norte do estado.

Thimma riu-se a bom rir. Assentou as mãos nas ancas e gritou para as traseiras:

— Ziauddin, os patanes têm a pele branca, como o Imran Khan; tu és tão preto como um africano!

Na manhã seguinte, deu-se um alvoroço na casa de chá e chamuças. Desta feita, Ziauddin tinha sido apanhado com a mão na massa. Enquanto o segurava pelo colarinho da camisa e o arrastava para diante dos clientes, Ramanna Shetty perorava:

— Diz-me a verdade... meu grande filho duma mãe careca. Andavas a roubar? Se me disseres a verdade desta vez, talvez te dê outra oportunidade.

— Mas eu estou a dizer a verdade — protestou Ziauddin, levando um dedo deformado aos lábios rosados, desbotados pelo vitiligo. — Eu nem sequer toquei nas chamuças.

Ramanna agarrou-o por um ombro e empurrou-o para o chão, deu-lhe pontapés e, por fim, enxotou-o da casa de chá, enquanto os restantes rapazes se chegavam uns aos outros e assistiam impávidos, como as ovelhas fazem quando assistem à tosquia dum elemento do rebanho. Foi então que Ramanna lançou um berro; empunhou um dos dedos, que estava a sangrar.

— Ele mordeu-me... o animal!

— Eu sou patane! — respondeu-lhe Ziauddin também aos gritos, ajoelhando-se. — Nós viemos para aqui e construímos o Taj Mahal e o Forte Vermelho em Deli. Não se atreva a tratar-me assim, seu filho duma mãe careca, você...

Ramanna virou-se para o círculo de clientes que se tinham reunido à volta de ambos e que estavam de olhos cravados nele e em Ziauddin, a tentar decidir de que lado estaria a razão.

— Aqui não há trabalho para os muçulmanos, e ele foi logo de-sentender-se com o único homem que lhe deu emprego.

Uns dias decorridos, Ziauddin passou pela casa de chá, ao volante duma bicicleta com um atrelado, dentro do qual se viam grandes vasilhas de leite a chocalhar umas contra as outras.

— Olhe bem para mim — escarneceu ele do seu antigo patrão. — O pessoal do leite confia em mim!

Todavia, este emprego também foi de curta duração; uma vez mais, foi acusado de roubo. Jurou em público nunca mais na vida voltar a trabalhar para um hindu.

Estavam a abrir novos restaurantes muçulmanos ao fundo da estação dos caminhos-de-ferro, no local onde os imigrantes muçulmanos se estavam a instalar, e Ziauddin arranjou emprego num destes restaurantes. Confeccionava omeletas e torradas numa grelha ao ar livre, enquanto gritava em urdu e malaiala:

— Homens muçulmanos, venham lá donde venham, do Iémen ou de Kerala, da Arábia ou de Bengala, experimentem entrar num estabelecimento genuinamente muçulmano.

Porém, também este emprego acabou depressa — o patrão tornou a acusá-lo de roubo e, ainda por cima, bateu-lhe quando ele refilou —, posto o que foi visto na estação dos caminhos-de-ferro trajado com um uniforme vermelho, a transportar pilhas de bagagem à cabeça e a regatear acirradamente com os passageiros por causa do pagamento.

— Eu sou filho dum patane; corre-me nas veias sangue patane. Ouçam bem o que vos digo: não sou nenhum aldrabão!

Quando os presenteava com olhares furibundos, os olhos saíam-lhe das órbitas, e os tendões do seu pescoço formavam um alto-relevo. Tinha-se transformado em mais um daqueles indivíduos esgalgados e solitários com olhares vívidos que infestam todas as estações de caminhos-de-ferro da Índia, a fumar os seus *beedis* a um canto com ar de quem está pronto para agredir ou matar alguém quando menos se espera. Todavia, quando os clientes do estabelecimento de Ramanna o chamavam pelo nome, arreganhava-lhes os dentes, e nessa altura eles vislumbravam um resquício do rapaz de sorriso rasgado que lhes pousava as chávenas de chá com toda a força em cima das mesas e lhes deturpava o inglês. Perguntavam-se o que diabo lhe teria acontecido.

Por fim, Ziauddin desentendeu-se com os outros bagageiros e também foi expulso da estação dos caminhos-de-ferro. Passou alguns dias a vaguear sem destino, amaldiçoando hindus e muçulmanos em igual medida. Depois, porém, acabou por regressar à estação e carregar novamente bagagens à cabeça. Era dedicado ao trabalho; isso ninguém podia deixar de reconhecer. E agora havia trabalho em abundância para toda a gente. Tinham chegado a Kittur vários comboios cheios de soldados — no mercado, dizia-se que estava a ser instalada uma nova base militar ao longo do trajecto para Cochim — e, uns dias volvidos sobre a partida dos soldados, seguiram-se-lhes os comboios de mercadorias, transportando grandes caixotes que era preciso descarregar. Ziauddin calou-se e carregou os caixotes do comboio até à entrada da estação, onde camiões do exército os aguardavam.